

Poéticas do Eu e Metaficção

Clovis Marcio Cunha
Licenciatura em Arte Educação - UNICENTRO
Professor Assistente – Mestre em Teatro – UDESC

Resumo: O texto aborda as poéticas do eu desenvolvidas por artistas das artes visuais adaptadas para a cena teatral, alcançando estratégias de metaficção; o espetáculo argentino *Dolor Exquisito* e sua relação com *Douleur Exquise* de Sophie Calle; o projeto performático *Aquele Biografado*, desdobrado no vídeo *Monocromo* e na cena *Monocromo Biográfico* - exemplos que discutem a incapacidade de visualizar a verdade sobre a identidade, quando esta é registrada e multiplicada a partir de diferentes pontos de vista. O texto discute a fragilidade da verdade pela ação de artistas quando estes multiplicam os aspectos do indivíduo, intencionando compreender a vida como procedimento de ficção que se equivale aos procedimentos de composição estética da arte.

Palavras-chave: biografia, performance art, poéticas do eu, metaficção.

Verbetes: *Douleur Exquise*. Mod. Méd. *Douleur Vive et nettement localisée*. Contagem regressiva para encerrar uma história de amor. Relato fotográfico cravado no numeral da infelicidade. Apresentação do abandono por diferentes ângulos agregados a outros corações quebrados. Noventa e dois dias infelizes. Japão, França. Sophie Calle.

Ela investigou sistematicamente a dor de outras pessoas comparando e relativizando com a sua própria dor. Os dípticos apresentados exibem o sofrimento amoroso suprimido por vinte relatos anônimos, abdicção do lamento perante as dores emprestadas.

Verbetes: *Dolor Exquisito*. Med. *Dolor intenso y bien localizado*. Representação do fim de uma história de amor. Relato cênico desgarrado do numeral da infelicidade. Representação do abandono recortado e agregado a representação de outros corações quebrados. Percurso retomado dos noventa e dois dias infelizes. Japão, Buenos Aires. Emilio Garcia Wehbi. Maricel Alvarez.

Ela, Sophie Calle, libera os direitos de adaptação teatral de *Douleur Exquise* para os argentinos Wehbi e Alvarez, desde que estes façam uma viagem ao Japão, país que percorreu nos “dias da infelicidade” em 1984, e lá então, representem o sofrimento do abandono. Os artistas aceitam o “jogo” proposto por Sophie Calle e registram a ficção do abandono, registro que é exibido em uma das duas partes do espetáculo *Dolor Exquisito* (2008). O desafio proposto não é mero acaso, a artista francesa é interessada na auto-imposição de jogos e regras metaficcionalis. Assim fez com Paul Auster, as trocas ficcionais e metaficcionalis entre *Leviatã* e *Double Game*, em que o Auster ficciona Maria personagem de do romance inspirado em Sophie Calle, ficção que a artista desestabiliza mais tarde quando passa viver as ações de Maria em seu duplo jogo performático. Em outra oportunidade, no ano de 1999, um rapaz pede para passar um período de luto na cama da artista, dois meses depois a cama é transportada para São Francisco atendendo ao pedido,

em troca Sophie Calle solicita informes sobre restabelecimento de suas forças, para que então, ao fim do sofrimento, resgate a cama enviada. Toda obra de Sophie Calle é uma frequente sucessão de duplos jogos que vivificam a ficção de vida e a ficção de ficção. Seus textos narrativos são acompanhados de outros textos fotográficos, jamais agregados pela redundância ilustrativa, sempre pela necessidade de fazer irromper a veracidade do eu narrador. Double Jeux é linguagem amplificada, ao mesmo tempo em que é intimamente apagada pelo duplo documental da dor.

Sophie Calle, a exemplo de Jackson Pollock (além de Annette Messager, Nan Goldin, Jean Le Gac, Christian Boltanski e Cindy Sherman) utiliza a fotografia como meio de expressão para a performance. Sophie Calle é o performer que cria enquanto atua. É o 'operador', o sujeito, aquele que fotografa; e é também o objeto, o que é fotografado, o que se deixa fotografar. (...) Desta forma, na obra de Sophie Calle, o que denominamos *performance* não é o resultado de seus relatos e fotografias, mas o seu processo de construção do texto e das imagens (SILVA, p.02-03 2008).

Para o espetáculo Dolor Exquisito a imposição de Sophie Calle aos criadores argentinos, em documentar a ficção do abandono, apresenta a busca constante da artista pela *performance*, o seu constante interesse da construção de uma obra metaficcional. A condição imposta é a verdadeira adaptação teatral de Douleur Exquise. Em cena, a execução da instrução dada conviveu com a representação do texto da obra de Calle em si, que posta sobre o palco alcançou a base da ilustração metaficcional, construindo fragilidades entre teatralidade e performatividade.

Verbetes: Metaficção. Relato da ficção e não da verdade. Identifica mecanismos de ficção. Estabelece diálogos entre ficções. Descrição da ficção que altera a própria ficção. Incerteza. Double Game. Theatre Du Vide. International Klein Blue.

Gustavo Bernardo, ao citar Waugh, destaca que as obras não ficcionais sugerem serem os fatos em última análise claras ficções, enquanto as obras metafissionais sugerem que as ficções sejam fatos.

Por ser a ficção, com o Mundo, colocada no nível dos princípios, os princípios de associação se encontram com a ficção, opõem-se a ela sem poder destruí-la. A mais interna oposição se afirma entre a imaginação constituída e a imaginação constituinte, entre os princípios de associação e a ficção devinda princípio da natureza (DELEUZE, p. 89, 2001).

Para Flusser, a língua cria realidade e a poesia cria a língua, a natureza existe exatamente por que é palavra, "as relações entre esses fenômenos e nós outros também são relações reais – porque elas formam frases", completa Bernardo.

Verbete: Monocromo. Cor inexistente. Paradigma da pintura moderna. Documentário sobre a nudez. Visibilidade explícita do órgão sexual dissipado pela visibilidade ficcional do monocromo. Vídeo arte. Curitiba. Clovis Cunha

Verbete: Monocromo Biográfico. Biografia Metaficcional. Documentário sobre os procedimentos para se biografar. Contagem regressiva para iniciar a nudez. Relato videográfico cravado no numeral primariamente regressivo. Apresentação da nudez por diferentes ângulos agregados a depoimentos de outros artistas. Vídeo Cena. Londrina, Curitiba. Clovis Cunha.

O vídeo arte Monocromo apresenta depoimentos de artistas sobre a nudez, esclarecendo alguns procedimentos para a escolha de apresentar um corpo nu como artifício biográfico. Ambos inspirados na obra de Sophie Calle, o vídeo cena Monocromo Biográfico exhibe o artista preparando o espectador para contemplar a nudez de seu corpo, contrastando depoimentos de outros artistas com seus próprios relatos até a dissolução completa da realidade em pura ficção, na qual, na busca de registro biográfico o artista vai ao espaço, é bombardeado por estranhos raios azuis (International Klein Blue). Ao retornar a terra, seu corpo nu lentamente dá lugar ao monocromo azul, dissipando-se na paisagem.

Verbete: Aquele Biografado. Multiplicação do sujeito pelo relato de suas roupas. Representação de histórias de amor fracassado. Relato fotográfico de experiências reconstruídas diante do relator. Fatos revividos com cinco pessoas amadas. Fotonovela para parede. Minas Gerais, São Paulo, Buenos Aires, Córdoba, Mendoza, Curitiba. Clovis Cunha.

No ano de 2009, pedi a doze pessoas de diferentes localidades, com as quais eu dividi a cama nos últimos dez anos, que sugerissem uma roupa apta a sintetizar traços de minha personalidade. Expliquei que estas roupas seriam utilizadas por mim em sequências fotográficas, as narrativas autobiográficas. Para algumas narrativas não bastou trajar a roupa sugerida, tive que viver ou inventar situações que inesperadamente acompanharam as instruções recebidas. O projeto me fez entender que viver tais situações, ainda que como recurso de construção de linguagem, modifica a natureza primária dos acontecimentos alterando a percepção da verdade. Dentre as doze instruções escolhi viver cinco, trajei a roupa sugerida e viajei ao encontro dos selecionados a fim de construir junto deles as situações apresentadas. Minha intenção era obter o maior número de registro desses encontros. O uso da câmera fotográfica se modificou em cada jogo, transferi aos convidados o trabalho de registrar as imagens e as combinei com outras imagens, captadas aleatoriamente com disparos automáticos ou filmagens. Alguns se mostraram totalmente disponíveis ao jogo, outros tiveram que ser seduzidos. Encontrei também aqueles que não me permitiram captar imagens. Faltei ao encontro com aquele que eu não tive coragem de fotografar.

A complexidade do procedimento estético ocorre na construção de um “corpo cotidiano espetacularizado”, em que o campo de instabilidade entre a vida e a ficção impede que as ações realizadas sejam entendidas unicamente pela veracidade ou ficcionalidade da linguagem. O que ocorre neste caso é a convivência alegórica dos procedimentos de construção de linguagem com a irrupção da vida, evidenciada pela obra. Fazendo com que a verdade oscile entre a ficção e a metaficção construída ou sobre a experiência vivenciada e apresentada. Um desejo de deslocar a aura simbólica, já não mais enfraquecida como antes anunciada por Walter Benjamin na replicação, mas radicando-a na engenhosidade da elaboração, estratégias e procedimentos estéticos da arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDO, Gustavo. O livro da metaficção. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

CALLE, Sophie. Histórias Reais. Rio de Janeiro: Agir Editora, 2009.

_____. Double game. London: Violette Editions, 1999.

_____. Douleur exquise. Actes Sude, 2003

DELEUZE, Gilles. Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. SP: Ed 34, 2001

SILVA, Valdete Nunes. Sophie Calle e a arte fotográfica: a inventividade dos jogos. XI Congresso Internacional da ABRALIC, 2008.